

"Moderno, engraçado e muito romântico, este livro é a reinvenção deliciosamente excêntrica de *Harry & Sally*!"

- ALI HAZELWOOD

Você, de novo



Kate Goldbeck



ARQUEIRO

A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas, dicas de leitura e muito mais!

Clique aqui para assinar
nossa newsletter e receber
as novidades diretamente
em seu e-mail.

Você, de novo

“Ari e Josh são meu tipo favorito de par romântico: engraçado, imperfeito e complicado, com aparências espinhosas escondendo corações sensíveis.” – AVA WILDER, autora de *Como fingir em Hollywood*

“*Você, de novo* é um daqueles livros especiais que dá vontade de ler várias vezes. Ao mesmo tempo que faz uma homenagem inteligente a todas as melhores partes das comédias românticas, também as faz parecer novas.” – ALICIA THOMPSON, autora de *Síndrome psíquica grave*

“Um romance cantado com uma melodia perfeita! Uma estreia espetacular!” – CHRISTINA LAUREN, autora de *Imperfeitos*

“Kate derruba as normas de gênero e destaca os desafios dos relacionamentos dos millennials, abordando diferentes identidades sexuais e apresentando personagens multiculturais que transmitem verdadeiramente a realidade de uma metrópole efervescente.” – *Entertainment Weekly*

“Esta não é uma comédia romântica comum. A história de amor de Ari e Josh é caótica, original e muito engraçada e sexy.” – GEORGIA CLARK, autora de *Tinha que ser você*



Você, de novo



Kate Goldbeck

Traduzido por Carolina Rodrigues



Título original: *You, Again*

Copyright © 2023 por Kate Goldbeck

Copyright da tradução © 2024 por Editora Arqueiro Ltda.

Copyright *Uma conversa com Kate Goldbeck e Guia de Kate Goldbeck da cidade de Nova York* © 2023 por Penguin Random House LLC

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

coordenação editorial: Gabriel Machado

produção editorial: Guilherme Bernardo

preparo de originais: Luísa Suassuna e Paula Lemos

revisão: Midori Hatai e Taís Monteiro

diagramação: Guilherme Lima e Natali Nabekura

capa: SelinaDraws

adaptação de capa: Gustavo Cardozo

foto da autora: © Julie Hunter

e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G564v

Goldbeck, Kate

Você, de novo [recurso eletrônico] / Kate Goldbeck ; tradução Carolina Rodrigues. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2024.
recurso digital

Tradução de: You, again

Formato: e-book

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-5565-696-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Rodrigues, Carolina. II. Título.

24-92902

CDD: 813

CDU: 82-3(73)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Artur de Azevedo, 1767 - conjunto 177 – Pinheiros
05404-014 – São Paulo - SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

EM MEMÓRIA DE LAURA MEYERS.
É TUDO UM PROCESSO.

SUMÁRIO

2014

1

Três anos depois

2

Dois anos depois

3

Três anos depois

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

Dois meses depois

23

24

Cinco meses depois

25

Três meses depois

26

Dois meses depois

27

28

29

30

Um ano depois

31

2014

1

– COM LICENÇA, SENHOR – chama Ari, mantendo-se firme na calçada em frente ao Brooklyn Museum, com os pés afastados e alinhados aos ombros. – Se esperou dez minutos para comprar um café gourmet, com certeza tem tempo pra falar comigo sobre a proteção do segundo maior habitat de lince em Nova Jersey.

Era sempre melhor começar com uma provocação. Nada desse papo de “Posso falar com você rapidinho?”. Nenhum pedestre nesta cidade está disposto a “falar rapidinho” com uma pessoa que arrecada doações.

O homem alto está usando óculos escuros, jeans caro e um suéter preto, e anda meio curvado por causa de uma mochila grande e pesada. Ele reduz a passada, até que vê o colete neon e o fichário dela, percebendo seu erro meio segundo tarde demais.

– Eu tô no celular, caramba! – reclama ele, tentando contorná-la.

Tudo bem. Ari está acostumada com gente que finge estar em uma ligação apenas para não interagir com ela. Dá um passo para a direita e bloqueia o caminho dele outra vez. Só precisa de mais uma doação para bater a meta, então o Homem Alto e Irritante de Suéter vai ter que ceder vinte segundos para ouvi-la advogar em prol dos lince.

– Me dá um gole? – pede Ari, esticando a mão para o copo dele, que tem uma logo minimalista. – Tive um dia cheio.

Esse truque (que ela aprendeu com Gabe, o colega de trabalho com quem mantém uma amizade colorida) funciona em vinte por cento das vezes, o que é uma taxa de sucesso fenomenal no ramo de importunar estranhos por (nenhuma) diversão e (pouquíssimo) retorno financeiro.

– Inacreditável! – exclama o homem.

Ele afasta o copo e atravessa a rua fora da faixa, virando a cabeça para lhe lançar um olhar furioso.

Ou talvez para conferir se Ari não o está seguindo.

Quando falou com o grupo do teatro de improviso sobre as “oportunidades lucrativas” na ProActivate, Gabe garantiu que eles se acostuariam com as esquivas frequentes, a falta de contato visual e a rejeição absoluta.

“É um bom treino pra quem quer ser comediante”, disse ele. “E paga mais.”

A verdade é que tudo paga mais do que comédia.

Mas, pelo menos no palco, você pode mandar mal na frente de dezenas de pessoas de uma vez só. É muito eficiente, apenas dez minutos de agonia. Nas ruas, é como se a cada trinta segundos ela estendesse a mão e toda vez recebesse um corte de papel superdoloroso.

Parece até... a definição de insanidade.

Ari se mudou para Nova York para ser comediante. Quando conheceu Gabe, um dos carismáticos líderes do grupo de improviso em que ela se enfiou quatro meses atrás, ele contou histórias sobre agentes que iam a apresentações abertas e disse que se encontrava com roteiristas do *Daily Show* tarde da noite. Ele se tornou seu herói e seu crush.

O que Gabe esqueceu de mencionar foi que a maioria desses encontros acontecia porque ele trabalhava como caixa em um restaurante de lámen no quarteirão do estúdio.

Voltando para casa debaixo de uma leve garoa, Ari fica atenta, em busca de uma última pessoa para bater sua meta de doação. Quem sabe a mulher com o guarda-chuva quebrado, que deixa seu Yorkshire fazer xixi em um canteiro de flores? Ou o homem atarracado de barba ruiva e óculos de armação grossa, esperando na porta de um bar na Washington Avenue? Nenhum dos dois parece promissor. Resignada, Ari continua o caminho para casa.

Após responder ao anúncio de Natalie nos classificados, que procurava alguém para alugar o “aconchegante” segundo quarto no seu apartamento

“ao lado de Prospect Heights”, Ari logo descobriu que, na verdade, o imóvel ficava a 25 minutos de caminhada do bairro mais valorizado do Brooklyn.

“Tecnicamente, o quarto pode ser considerado um closet”, explicou Nat quando Ari foi visitar o apartamento, “mas tem uma cama de solteiro alta e com certeza dá pra colocar uma escrivaninha embaixo.”

Não deu para colocar uma escrivaninha. Mas morar com Natalie sem dúvida era muito melhor do que permanecer onde Ari estava: no sofá-cama da sala do primo de um amigo.

Ainda mais hoje à noite. Natalie foi passar o fim de semana nos Hamptons e deve voltar bem tarde. O apartamento estará gloriosamente vazio. Será a oportunidade perfeita para ela usar seu vibrador mais barulhento.

Pelo menos a ideia é essa.

– Adivinha só quem bateu a meta ficando na porta de um supermercado caríssimo? – diz Gabe, recostado próximo à porta do prédio de Ari, protegido da chuva pelo toldo.

Ele tem a beleza clássica de um modelo de catálogo ou de sites de banco de imagem, com seu cabelo cacheado penteado e os olhos castanhos brilhantes.

– Foi molezinha – acrescenta ele. – E você?

Gabe se desencosta da parede de tijolos. Seu colete neon da ProActivate está enfiado no bolso de trás da calça jeans. Ele sempre faz o maior sucesso com o pessoal empurrando carrinhos de bebê ou passeando com cachorro na coleira.

– Ficou faltando um – responde Ari, pegando a chave no bolso.

– Que droga – comenta Gabe, então mostra um Blu-ray de *A origem*. – Quer terminar de assistir?

É só um pretexto. Eles estão “assistindo ao filme” faz três semanas, catorze minutos de cada vez. Na última, eles pausaram depois de uma rodada cheia de tesão de “Transa, casa ou mata?”. (Ari: Tom Hardy, Ken Watanabe, Joseph Gordon-Levitt. Gabe: Marion Cotillard, Cillian Murphy, Leonardo DiCaprio.)

– Natalie não está em casa – revela Ari, enfiando a chave na fechadura. –

Eu estava pensando em...

– Perfeito – interrompe Gabe, segurando a porta para ela passar. – Tenho um encontro em Boerum Hill mais tarde.

Quando entram no apartamento, Gabe tira a camisa antes mesmo de Ari colocar o disco no aparelho de Blu-ray de Natalie.

O lance de Ari com Gabe é muito conveniente. Ele é um cara tranquilo, disposto a experimentar coisas novas e perito em tirar o sutiã dela com apenas uma das mãos. Os dois só estão interessados em sexo, *não* em namorar. Ele é o primeiro homem com quem Ari se envolve que não se ofende com o acréscimo de um vibrador à equação.

E, depois de ser rejeitada o dia todo, é bom se sentir *desejada*.

No momento 1h06m47s do filme, duas roupas íntimas já estão no chão, quando ouvem três toques estridentes do interfone.

– Você pediu comida? – pergunta Gabe, ofegante, desabando no sofá. – Um sanduíche cairia muito bem agora.

– Como é que eu ia pedir comida? – retruca Ari, se sentando. – Com minha terceira mão?

Mais dois toques curtos soam pelo apartamento, seguidos por um terceiro incessante.

Ari se levanta e corre aos tropeços até o interfone.

– Oi – diz ela, apertando o botão.

A resposta é um misto distorcido de estática, voz grave, “comida” e “Natalie”.

– O botão tá quebrado – explica Ari. – Vou descer.

Ela veste a camiseta.

– Natalie sempre pede comida macrobiótica. Deve ser o cara da entrega – explica ela a Gabe, que já está no celular. Ari pega a cueca boxer dele do tapete, procurando outra coisa no chão. – Droga, cadê minha calcinha?

– Roupa íntima é superestimada – opina Gabe, e se levanta. – Vou tomar um banho.

Ari veste a cueca dele, calça os tênis e desce a escada correndo para pegar a entrega.

Ao chegar ao térreo, ela vê uma sombra corpulenta pela janela na parte

superior da pesada porta do prédio. Mas, assim que começa a abri-la, a sombra ganha um contorno familiar.

O Homem Alto e Irritante de Suéter está parado sob o toldo, segurando uma sacola reutilizável com alimentos que parecem uma pintura holandesa de natureza-morta do século XVIII.

Ele é pálido e magricela, talvez na casa dos 20 e poucos anos, tem cabelo castanho e um rosto comprido de proporções excêntricas. Mas não no mau sentido.

Ele analisa o rosto dela pela fresta da porta.

Ari pigarreia e pergunta:

– Posso ajudar?

O homem parece confuso, mas não responde.

– Você veio me falar sobre seu Senhor e Salvador Jesus Cristo? – questiona Ari.

– Eu sou judeu – rebate o desconhecido, olhando por cima do ombro dela. – Você é a colega de apartamento da Natalie?

Ele tem cheiro de loção pós-barba cara.

– Talvez – responde Ari, erguendo a sobrancelha. – Você trouxe as refeições paleolíticas e sem glúten dela?

– É bacalhau cozido em azeite com mexilhões, laranja e chorizo – esclarece ele, impaciente. – Natalie não avisou que eu vinha?

Como se aproveitasse a deixa, o celular de Ari vibra várias vezes.

Nat 🗉: preciso de um favorzããão.

confundi as datas.

Josh vai cozinhar pra mim hoje à noite

Nat 🗉: o chef.

ele já tá a caminho com as compras do mercado.

peguei o ônibus que saía mais cedo, mas não vou chegar a tempo.

abre a porta pra ele? 😬 😬

Merda.

Essa conversa fiada é bem a cara da Natalie, que sempre se dá bem

porque tem uma pele luminosa e uma risada incrível. Ari tem uma queda por ela, mas de um jeito totalmente diferente do tesão ocasional por Gabe. É incapaz de dizer “não” para a colega de apartamento.

– Espera aí, quem é você? – questiona Ari, segurando o aparelho junto ao peito para impedi-lo de ver a tela.

– Josh. Namorado da Natalie – afirma ele, com convicção. Como se fosse um fato.

Ari retruca com outro fato:

– Nat não tem namorado.



– TEM, *SIM* – responde ele, com a confiança de quem acredita que diz a verdade. Ou praticamente a verdade. – Eu.

Quase não dá para perceber, mas a garota franze as sobrancelhas ao ouvir a palavra “namorado”. Josh se orgulha de captar microexpressões que outras pessoas deixam passar.

De acordo com a programação dele, em oito minutos Natalie deveria estar bebericando uma taça de vinho Sancerre, observando-o cortar os gomos das laranjas com sua faca Shun Dual Core Kiritsuke.

Mas, em vez disso, ele está encarando uma estranha de cabelo rosa, vestindo uma cueca e uma camiseta desbotada com o slogan HOPE do Obama e as mangas cortadas.

– Nat não está em casa, se atrasou – apressa-se a dizer a garota, sem abrir a porta para ele. – Posso colocar a comida na geladeira. Tem um bar na esquina, você pode esperar lá até ela chegar.

Cada segundo perdido é contabilizado no cérebro de Josh, num tique-taque cada vez mais alto. Parado na entrada do prédio, segurando 170 dólares de ingredientes perecíveis de altíssima qualidade, ele considera desistir de seu plano. Chamar um Uber. Remarcar o encontro para outra noite, quando todos os elementos do seu conceito possam se alinhar sem dificuldade.

Mas isso seria admitir um fracasso.

– De jeito nenhum – responde ele. – Preciso de trinta minutos para preparar isso aqui, mais cinquenta de cozimento. Tenho que começar agora. E está chovendo.

Depois de saborear o *mousse au citron*, Josh Kestenberg e Natalie Ferrer-Hodges vão avançar do status confuso de *ficando sem compromisso, ponto de interrogação* para *relacionamento de verdade, ponto-final*.

Ponto de exclamação!

Não, *ponto-final*. Mais elegante.

– Se eu fizer o favor de deixar você entrar... – começa a garota.

– “Favor”?

– ... você vai ter que se redimir pela grosseria de hoje cedo e me ajudar a bater a meta. – A boca dela se repuxa num sorrisinho. Uma covinha se forma em sua bochecha esquerda, mas seus olhos não parecem nada felizes. – Preciso de uma doação de 40 dólares. Aceito cartão de crédito.

– Do que você está falando?

Não é sempre que Josh se sente perdido em uma conversa.

– Que bom que você perguntou! Com o apoio de amantes da vida selvagem como você, a Nature Conservancy está criando a Alameda dos Linces, um cinturão verde protegido onde felinos selvagens nativos podem circular livremente e...

– Era *você*? – interrompe Josh, colocando a sacola de compras no pórtico.

– Inacreditável, não é? – retruca a garota, com um sorriso enorme, sem nenhum acanhamento.

– Você está me extorquindo? – Josh dá um passo à frente e se agiganta diante dela. – Isso é algum tipo de golpe?

– Sim, eu finjo morar em apartamentos por todo o Brooklyn pra convencer os namorados ricos e nervosinhos das minhas colegas de apartamento a fazerem doações recorrentes.

Recorrentes? Que ótimo, ele vai receber e-mails dessa organização pelo resto da vida.

– Quer saber mais detalhes sobre a Alameda dos Linces? – pergunta ela.

– Não.

– Obrigada por ajudar a construir um futuro seguro para os felinos –

recita ela, de cor, e abre a porta, permitindo que ele entre no saguão. – Isso parece o início de um episódio de *Law & Order*. Vou deixar um estranho entrar no meu apartamento. Vai que você me amarra com um cabo e rouba nossos notebooks ou coisa assim. Mas seu nome será o último no meu registro de doações, portanto, se algo acontecer comigo, você será o suspeito número um. – Ela pausa para respirar quando chegam ao pé da escada. – Eu sou a Ari.

– Josh Kestenberg – apresenta-se ele, que sente o impulso automático de oferecer um aperto de mão, mas se detém. – Tenho uma receita para preparar, então você vai ter que se amarrar sozinha.

– Arianna Sloane – acrescenta ela, como se quisesse provar que também tem um sobrenome. Ela gesticula para a escada. – E não me venha com gracinhas. Pode ir na frente. Não quero que você fique encarando minha bunda até o terceiro andar.

Josh revira os olhos e carrega as sacolas até o primeiro lance da escada. Ao passar por Ari, ele sente cheiro de maconha barata, o que o faz se lembrar dos colegas veganos reclamões da turma de antropologia em Stanford. Josh sobe de dois em dois degraus, tentando ganhar distância e evitar o máximo de interação possível, mas Ari está logo atrás dele.

– Se você é cozinheiro, não deveria estar trabalhando a esta hora? – indaga ela.

– Eu sou chef. Passei os últimos dois anos na Europa. Eu crio receitas. – Ele trabalhou como freelancer para a revista *Bon Appétit* duas vezes, modéstia à parte. – Acabei de voltar a Nova York.

– Acho que nunca vi Nat consumir nada além de refeições paleolíticas e shakes proteicos – comenta Ari.

– Ela ainda não provou minha comida.

– Há quanto tempo vocês estão “juntos”? Quer dizer, você é cozinheiro e...

– Chef.

– ... e nunca cozinhou nada pra ela. Não acha isso meio esquisito?

– Não. – Josh aperta o passo, como se quisesse deixar a acusação para trás. *Será que é esquisito?* – Estamos saindo há seis semanas.

– Seis semanas já é um relacionamento? Saí com um cara, o Nico, por um ano e meio, e ele *não era* meu namorado. Mas ainda tenho o número dele salvo no meu celular com três emojis de berinjela ao lado do nome.

Josh não responde. Ari está tentando puxar assunto a partir das respostas dele, por isso é melhor não dar corda. Além disso, ele está um pouco sem fôlego.

– Como você registrou a Nat nos seus contatos? – pergunta Ari. – “Namorada”? Tem um emoji de coração ao lado do nome dela?

Que inferno, essa garota deve conversar até com taxistas e caixas de supermercado.

– Não – responde Josh. – Não preciso de um emoji pra lembrar que temos um relacionamento.

Por que é quase impossível conhecer mulheres solteiras interessantes, mas é tão fácil atrair gente com a extraordinária habilidade de apontar os detalhes que ele vive tentando varrer para debaixo do tapete?

Ao chegarem ao terceiro andar, Josh se vira e encara Ari.

– Natalie nunca falou de mim?

A pergunta escapa de sua boca de repente. Tem um tom carente, constrangedor.

– Deixa eu pensar... – murmura Ari, se atrapalhando com as chaves. – Você é o cara que tem um banheiro incrível com duas duchas?

– Não.

Como assim?

– Ah! Você foi o modelo de setembro no calendário Bonitões de Bushwick do ano passado? – sugere ela, analisando-o de cima a baixo.

– Não sei do que você...

Ari abre a porta do apartamento com o quadril.

Josh decide ignorar as perguntas constrangedoras. É evidente que ela está debochando da cara dele. Ele dá um passo cauteloso para dentro da sala de estar, desviando da pilha de sapatos na porta. Ele sempre recebia Natalie em seu apartamento, onde não precisava lidar com variáveis desconhecidas: superfícies que não foram bem higienizadas ou colegas de apartamento hostis e tagarelas.

Ele espia um pedaço de renda escapulindo por baixo do sofá.

Ari acompanha o olhar dele e exclama:

– *Ah*, então estava ali!

Antes que Ari possa pegar a calcinha, uma porta se abre e um homem sem camisa aparece cantando uma música, em meio a uma nuvem de vapor.

– *Bring him hooooome! Briiing him home!* – Ele para a cantoria floreada e assente para Josh, simpático e indiferente à presença dele. – E aí, cara?

Ari não se dá ao trabalho de apresentar os dois.

– Posso pegar minha cueca de volta? – pergunta o rapaz para ela. – Na verdade, deixa pra lá, preciso correr. – Ele cantarola a música, veste a camisa e pede: – Me liga daqui a uma hora se eu precisar de resgate?

– Beleza – afirma Ari, mal erguendo os olhos do seu fichário da Nature Conservancy. – Divirta-se.

Josh vê o sujeito ir embora sem dar um beijo de despedida em Ari.

Assim que a porta se fecha, ela surge do lado esquerdo de Josh, de fichário e caneta na mão.

Depois que ele deixa as sacolas no chão e anota o número de seu cartão de crédito em letras garrafais, Ari faz um gesto grandioso e anuncia:

– Aqui é a cozinha. Nada de botar fogo no apartamento.

Josh inclina a cabeça, encarando algo atrás dela.

– É sério, fogão elétrico?

– Qual o problema? – questiona Ari, olhando para o fogão velho que não tem sequer exaustor.

– Não tem controle de temperatura, nem sutileza, nem chama. Ou fica pelando ou fica morno.

– Tenho certeza de que você vai dar um jeito. – Ari dá de ombros. – Finge que está participando de um daqueles programas de competição culinária e precisa acender o próprio fogo.

Josh estreita os olhos para ela e começa a tirar as coisas das sacolas. Mal tem espaço na bancada de vinil com estampa de granito para organizar os ingredientes e os equipamentos que levou. Josh ergue o olhar e fica surpreso ao ver a colega de Nat abrindo a porta da geladeira lotada de ímãs. Ele achou que ela o deixaria sozinho.

– Vou preparar meu jantar também – explica Ari, curvando-se para pegar uma embalagem de enroladinhos de salsicha vegetariana na gaveta do freezer. – Você tem um pouco de sotaque quando reclama dos eletrodomésticos – comenta ela, servindo-se de dois enroladinhos. – Cresceu por aqui?

– No Upper West Side – revela Josh.

Ela bate a porta do micro-ondas, pensativa.

– Talvez seja porque eu não sou daqui, mas sempre tive inveja desse sotaque esquisito. Eu gosto.

Ele fica surpreso, sem saber como reagir. Tecnicamente, não é um elogio, é?

Josh tira da mochila um papel dobrado com esmero, contendo os tempos de preparo, e coloca sua tábua de corte em cima de um pano de prato branco e limpo. Depois de assumir o controle do espaço, ele dedica sua energia a transformar cenouras orgânicas em palitos idênticos.

Apesar do espaço apertado, os dois se ignoram por alguns minutos. Assim que as cenouras parecem ter saído de uma minúscula serraria, Josh coloca uma pequena abóbora-japonesa na tábua e pega o cutelo. Talvez seja exagerado, mas a abóbora tem uma casca dura e ele não queria correr o risco de se atrapalhar na frente de Natalie. Além disso, o cutelo sempre acrescenta uma dose de drama. Ele dá uma pancadinha perto do talo da abóbora, cobre o cutelo com um pano e o força para baixo, cortando a polpa.

– Você não mencionou que tinha um cutelo quando pediu pra entrar – acusa Ari, tirando o jantar do micro-ondas e pousando o prato na bancada. – Posso usar?

Josh respira fundo, mas não tanto a ponto de inalar o cheiro dos enroladinhos.

A resposta óbvia é *não*. Josh não contava com a participação do público esta noite. E se entregasse o cutelo a ela, o que aconteceria?

Ari poderia deixá-lo cair, cegar a lâmina, destruir a abóbora. Talvez Josh precisasse fazer uma demonstração com um movimento fluido. Mas, para isso, Ari teria que se aproximar dele.

Péssima ideia.

Para sua própria surpresa, Josh assente.

– Fica aqui. Pega o cabo assim... *Não*, desse jeito – instrui ele, reposicionando os dedos dela.

– Você é sempre tão mandão? – murmura Ari, enfiando o cutelo na casca da abóbora, empurrando a lâmina para baixo e colocando toda a sua força no movimento. – Quer dizer, nada *contra* também.

Josh não costuma permitir que outros cozinheiros, principalmente amadores, toquem em seus equipamentos. Não quer que eles deixem marcas de dedos em suas coisas, nem que usem pegadores quando é preciso uma colher, nem que adicionem uma pitada de sal em sua carne perfeitamente temperada.

No entanto... quando Josh vê Ari tocando em um utensílio que pertence a ele, sente um arrepio na nuca.

– Nunca aprendi a cozinhar – explica Ari, picando a abóbora em tamanhos e formatos diferentes, que Josh vai levar alguns minutos para acertar. Pelo menos ela não decepou nenhum dedo. – Eu morava com a minha avó, e as habilidades culinárias dela eram restritas ao micro-ondas.

Ari se inclina para a frente cada vez que pressiona a lâmina para baixo, e Josh tem oitenta por cento de certeza de que ela não está usando sutiã.

Ele pigarreia e diz:

– Você veio para Nova York trabalhar em um esquema de pirâmide disfarçado dessa palhaçada idealista que se aproveita de estudantes?

– Eu vim pra ser comediante – confia Ari.

Josh decide nunca mais tocar no assunto para não correr o risco de ser convidado para alguma apresentação tenebrosa.

– Mas eu sou *excelente* em arrecadar doações. Tenho talento para encontrar coisas em comum com estranhos. – Ela ergue os olhos da tábua. – Menos agora.

Josh se pega analisando os detalhes do rosto de Ari. Bochechas coradas e redondas, queixo fino, o lábio inferior bem mais cheio que o superior. O rosto dela começa a assumir outra expressão. Confusão, se ele for otimista; irritação, se for sincero. Josh sempre foi melhor em discutir do que em flertar.

Não que queira flertar com ela.

Depois de um instante, Ari larga o cutelo e empurra a tábua na direção de Josh, que bufa.

– Valeu pela aula. – Ela seca a mão em um pano de prato e enche um copo d'água direto da torneira. Josh faz uma anotação mental para comprar um filtro para Natalie. – Era o mínimo que você podia fazer depois de atrapalhar minha noite.

– *Eu* atrapalhei a *sua* noite?

– Atrapalhou – confirma Ari, então coloca um pote de mostarda debaixo do braço, volta para a sala de estar e se joga no sofá. – Eu tinha grandes planos pra minha noite sozinha.

– Você não estava exatamente sozinha... – Josh hesita. – Se quer privacidade, que tal... ir pro seu quarto?

– Está um forno lá dentro. A janela do meu quarto é pequena demais pra um ar-condicionado. – Ela pega o controle remoto. – E por que eu deveria sair daqui? Esse apartamento é *meu*.



– O APARTAMENTO NÃO É DA NATALIE? – pergunta Josh, sacudindo a frigideira.

– Eu pago metade do aluguel – retruca Ari, com raiva, sem tirar os olhos da televisão.

Ela dá play no filme no ponto em que ela e Gabe pararam de assistir e mergulha o enroladinho de salsicha em uma poça gigante de mostarda.

Semanas atrás, Ari havia começado a ver *O Grande Hotel Budapeste* quando Natalie chegou em casa depois de ir a algum restaurante, bêbada de vinho, mas não sonolenta. Ari fingiu prestar atenção na direção de arte do filme enquanto inalava o perfume suave do produto misterioso que deixava o cabelo de Natalie brilhante e macio. Ela tocava na perna de Ari toda vez que ria. Se fazer alguém rir é a melhor sensação do mundo, fazer alguém rir *enquanto a pessoa toca sua coxa* é tipo... a melhor sensação do mundo junto com uma pequena dose de ecstasy. O toque no braço foi quase melhor do que o orgasmo que Nat a fez ter dez minutos depois.

Quase.

Aconteceram mais duas reprises e meia dessas “noites de filme”. Depois dessas sessões, cada uma ia dormir no próprio quarto. Ou, no caso de Ari, ficar deitada em sua cama de solteiro bamba com um sorrisinho bobo, encarando o que sobrou das estrelas fluorescentes que o locatário anterior colara no teto. Talvez ela tivesse percebido o que seria o relacionamento sexual perfeito: bastante satisfatório e livre de conflitos emocionais.

Mas até então ela não tinha conhecido nenhum dos pretendentes de Natalie. Por que Nat concedeu o papel de “namorado” a esse cara enquanto Ari permanecia como uma reles figurante anônima? O que o tornava digno de amor (sério, *o quê?*) enquanto Ari servia apenas para transar?

Ari volta a ouvir o som de uma lâmina afiada indo de encontro à tábua de corte, em golpes constantes e precisos, como um lembrete da presença de Josh no espaço dela. Das suposições e opiniões dele.

– Você nunca preparou nem mesmo café da manhã pra Natalie? – indaga Ari.

– A gente costuma comer na rua – responde ele, sem parar de cortar. – Por quê? Você oferece Red Bull e biscoitos quando os caras acordam?

Ela solta um ruído entre uma risada e um resmungo e retruca:

– Quando eles acordam, eu não estou mais lá há muito tempo.

Há um breve intervalo nos golpes da faca.

– Como assim? Você levanta e vai embora?

– Gosto de acordar na minha própria cama – explica ela, acabando de comer o segundo enroladinho. – É mais simples assim.

– Ah. – Ele volta a cortar e revira os olhos dramaticamente. – Que romântico.

– Acha romântico dividir a cama com um estranho? – Ari se levanta e leva o prato até a pia. – Ou você acorda em um lugar desconhecido pela manhã ou precisa expulsar alguém do seu apartamento. Enfim, não compactuo com a indústria do romance. – Ela esfrega o prato com tanta força que o arranha. – É uma distração que torna as mulheres dependentes da validação dos homens.

Talvez essa afirmação seja heteronormativa demais, mas Josh também

parece ser heteronormativo demais.

Ari o observa colocar um quadradinho de manteiga em uma panela grande no fogão. Olhando mais de perto, ele tem o tipo de rosto que as fotos não capturam direito: testa proeminente, queixo retraído, olhos castanhos sérios e nariz comprido. O perfil de Josh poderia ter sido esculpido em mármore há 2.500 anos. Bonito em certos ângulos, desarmônico em outros. O tipo de pessoa que você encontra só uma vez de passagem, mas do qual ainda se lembra cinco anos depois.

Ari não tem essa *coisa*, essa qualidade marcante. Os outros olham para ela e concluem que deve haver algo mais interessante ali ao lado. Nem mesmo o cabelo tingido de rosa a ajuda a se destacar. Depois de ir a um festival no McCarren Park, ela concluiu que pelo menos um quinto das mulheres no Brooklyn também tinha cabelo rosa.

– Você formou essas opiniões a partir da sua própria experiência? – Josh mexe no botão do temível fogão elétrico e baixa o fogo. – Ou leu meia dúzia de textos da disciplina “Introdução à história das mulheres”?

– Você é sempre prepotente?

– Você é sempre ingênua?

Ele se agacha na altura do fogão. Ari estica o braço para pegar um pano de prato, bloqueando o acesso dele ao eletrodoméstico.

– Ingenuidade é comprar o mito patriarcal da monogamia – argumenta ela.

– O *mito* patriarcal? – Ele pega o pano de prato no gancho e o oferece a Ari. – Sai da frente pra eu não queimar minha panela Le Creuset nessa porcaria de fogão.

– Você acredita de verdade na ideia de alma gêmea disseminada pelas comédias românticas e por aqueles comerciais cafonas de joias em que um homem surpreende uma mulher com um anel em uma caixinha preta como se isso fosse uma grande conquista?

– As comédias românticas não inventaram o conceito de alma gêmea. Só o tornaram mais rentável – responde Josh, tampando a panela com água fervendo, e então se vira para ela. – Se quer saber, o culpado é Platão.

Ari seca as mãos no pano de prato, ponderando se morde a isca.

– Platão?

– O *banquete*? O discurso de Aristófanes?

– É melhor refrescar minha memória. Eu estudei numa escola pública no Arizona.

Josh pega sua lista cuidadosamente impressa e a vira para o verso em branco.

– Platão diz que os humanos originais eram criaturas redondas com quatro braços, quatro pernas e uma cabeça com um rosto de cada lado – explica ele.

Ari observa a caneta deslizar pelo papel, produzindo um desenho que parece Violeta Chataclete após se transformar em um mirtilo na fábrica de chocolate de Willy Wonka. Mas o desenho tem dois rostos, oito membros e alguns rabiscos acima das pernas.

– O que é isso? – pergunta ela, apontando para o rabisco à esquerda.

Josh olha para o traço indicado e responde:

– Genitais.

– Ah. – Ela faz uma careta. – Credo.



– É UMA REPRESENTAÇÃO ABSTRATA – insiste Josh, reforçando algumas linhas com a caneta. – Pode ser uma combinação qualquer de... genitais.

– Que progressista. Não esperava isso.

– Você nunca ouviu essa história? Meu pai sempre me contou que foi o que inspirou os biscoitos mesclados.

– Aqueles biscoitos redondos vendidos em mercadinhos, com metade da cobertura de chocolate e metade de baunilha? – Ari dá de ombros. – Nunca comi.

Josh olha para ela, surpreso.

– Você mora em Nova York! Isso é cultura básica.

– Eu me mudei pra cá faz quatro meses!

Ele suspira.

– Uma das minhas funções na delicatessen do meu pai era confeitaria os biscoitos mesclados. Ninguém mais fazia as linhas retinhas. Eu achava relaxante.

– Você comia os que ficavam tortos, pelo menos?

– Credo, não. Eram doces demais, como colocar uma colher de açúcar na boca.

Ele faz uma careta, lembrando-se do cheiro enjoativo de fondant e glacê real.

– Seu pai é dono de uma delicatessen? – indaga Ari, dando uma olhada no *mise en place* perfeito. – Foi ele que te ensinou a cozinhar?

– Meu pai me ensinou a nobre arte de montar sanduíches de carne em conserva e servir salada de repolho.

Todo o treinamento culinário recebido do pai tinha sido na delicatessen, subindo a hierarquia aos poucos: Josh passou de ajudante de garçom a auxiliar de cozinha, depois a chefe de grelha até chegar a açougueiro. O pai nunca cozinhou em outro restaurante. Mal cozinhou no próprio apartamento, preferindo abrir sopas enlatadas.

– Ele não é chef – declara Josh. – Esse é um título que se conquista em uma cozinha de verdade, não na Brodsky's.

Os olhos de Ari brilham ao reconhecer o nome.

– Espera, seu pai é dono da Brodsky's?

– Ah, *disso* você já ouviu falar?

– Bom, a loja é famosa, não é? Tem um letreiro azul neon?

Em 1977, o pai de Josh, Danny, herdou do tio a delicatessen Brodsky's, com o acordo tácito de que seria o guardião de uma tradição que já durava quarenta anos. O nome Brodsky's é sempre acompanhado de termos como “um monumento”, “um clássico”, “visto em filmes como...”. Ninguém no East Village, em Manhattan ou na região metropolitana de Nova York deseja que a Brodsky's mude.

Apenas Josh.

Ele e o pai discutiam desde que Josh conseguiu alcançar o forno.

Quando era criança, Josh passava horas na Brodsky's, implorando para trabalhar, enquanto o pai grelhava salsicha alemã ou misturava enormes

porções de conservas em vinagre. Ele absorveu todo o conhecimento enigmático do pai – por exemplo, “a umidade é inimiga de um bom *latke*” – e estudou a proporção correta de gemas e claras para preparar uma boa salada de ovos. Até que, um dia, Danny decidiu que Josh crescera o bastante para usar as ferramentas mais importantes da cozinha: facas e fogo.

A dose de perigo desbloqueou uma paixão dentro de Josh. Ele começou a cozinhar por conta própria: experimentou novas técnicas, aprendeu receitas desafiadoras, pediu o livro *Modernist Cuisine* no aniversário de 16 anos. Quando sua irmãzinha, Briar, se recusou a comer patê de fígado, Josh preparou rolinhos de legumes para sua merenda na escola. (Foi uma bela maneira de praticar seu manejo com a faca.)

Sua mente fervilhava, principalmente com ideias para “aprimorar” os pratos clássicos da Brodsky’s. Será que poderiam adicionar alho-poró caramelizado ao *kugel* de batata? Um pouco de páprica na salada de ovos?

A resposta do pai era sempre a mesma. Ele apontava para o letreiro gasto e pintado à mão que servia como slogan da Brodsky’s desde a década de 1950: *A comida que você gostaria de lembrar*.

“A comida que você gostaria de esquecer”, murmurava Josh, ainda adolescente.

E, por muitos anos, ele tentou esquecer. Em vez passar as tardes na delicatessen, dedicou-se a atividades extracurriculares. Tornou-se um gênio na Olimpíada de Matemática, juntou-se às equipes de debate e de Simulação da ONU. Não havia motivo para que pai e filho tivessem mais do que uma conversa passageira nos raros momentos em que estavam no mesmo lugar ao mesmo tempo.

Mas, no terceiro ano de sua graduação em economia em Stanford, Josh decidiu ir jantar no French Laundry. Naquela noite, uma paixão adormecida reacendeu quando ele mergulhou a colher em um creme de ovos incrivelmente aveludado. A apresentação em uma casca de ovo cortada com precisão era sutil e elegante, e uma lasca fina e comprida de cebolinha oferecia uma explosão de sabor intenso. Não era apenas comida: era uma experiência sensorial que proporcionava uma gama de possibilidades totalmente diferente do picadinho de carne do pai.

Quando Josh anunciou que pretendia largar a graduação em Stanford para frequentar o Culinary Institute of America, Danny balançou a cabeça com uma decepção que apenas os pais são capazes de sentir.

“Você quer pagar milhares de dólares para que alguém te ensine a picar uma cebola?”, murmurou Danny.

A mãe de Josh, Abby, concordou em bancar o curso, com a expectativa de que, um dia, Josh usasse seu conhecimento para assumir a delicatessen. Só que ele não tinha vontade de ser o herdeiro de um império de pastrami que desmoronava aos poucos. Seus planos eram bem mais ambiciosos. Depois de concluir o programa, ele foi para a Europa trabalhar em algumas das melhores cozinhas do mundo.

Josh e o pai ainda não se falaram desde que ele voltou à cidade. Abby cumpre o papel de mediadora.

– Os humanos de dois rostos eram tão poderosos fisicamente que se tornaram uma ameaça para os deuses. Então Zeus os cortou ao meio. – Josh desenha um traço violento no meio do corpo redondo. – Agora, todos correm por aí sobre duas pernas, confusos e aflitos, tentando encontrar a outra metade.

Ari se inclina para perto e apoia o cotovelo nos poucos centímetros quadrados vagos na bancada.

– A alma gêmea?

– Exatamente – confirma Josh, assentindo e jogando o pano de prato por cima do ombro.



EM MEIO À EMPOLGAÇÃO de terem concordado sobre algo, Ari tem um vislumbre do que Natalie enxerga em Josh. A voz dele é muito mais agradável quando está contando uma história, em vez de discutir. Além disso, chega a ser irritante o fato de os homens ficarem tão atraentes com um pano de prato pendurado no ombro e as mangas arregaçadas.

– Isso é bem triste – comenta Ari, observando o traço que corta a figura

ao meio. – Não é de admirar que tenham adaptado esse conceito na hora de filmar comédias românticas estreladas por atrizes louras.

Josh fica sério. Ele se empertiga, fazendo Ari se sentir ainda mais baixa do que seu 1,60 metro.

– Sua alma gêmea traz uma sensação arrebatadora de pertencimento – explica ele, com convicção genuína. – Ela cura sua ferida existencial. Essa é a base do amor moderno.

A breve fagulha de interesse que Ari sentiu por ele só pode ter sido causada pelo pano de prato pendurado no ombro.

– Você acha mesmo que existe *uma única pessoa* neste planeta capaz de satisfazer todas as suas necessidades?

– Acho. E qualquer hora você vai se cansar de ficar procurando sua calcinha às duas da manhã! – exclama Josh, com sotaque outra vez. – Você vai buscar uma pessoa que não te deixe entediada. Que se sacrifique por você, mesmo quando você não merecer. Que vai gostar de dormir abraçada a você a noite toda, até seu braço ficar dormente. Que tem a obrigação de providenciar sopa com bolinhas de matze quando você ficar doente. Ninguém com um emoji de berinjela ao lado do nome vai se importar tanto com você.

Ari o encara, boquiaberta e um pouco alarmada com o tamanho do monólogo improvisado. Josh desvia o olhar para um risco na bancada laminada e pigarreia de leve.

– O que foi? – pergunta ele.

– Você é muito doido.

O celular de Josh vibra em cima da bancada.



Natalie: oi! desculpa mesmo.

vou me atrasar mais do que imaginei

chegando em Manhattan agora



Josh solta mentalmente uma explosão de palavrões criativos. O bacalhau já está escaldado. Em meia hora, o *sauce vierge* de laranja vai ficar gelatinoso. Quando Natalie chegar, Josh vai estar todo desarrumado e suado.

Às vezes, durante as sessões de terapia, as emoções de Josh se sobrepõem à sua habilidade de responder perguntas como “O que você está sentindo neste momento?”. Ele não consegue respirar fundo nem imaginar seus pensamentos indo embora como folhas na correnteza. Nesses momentos, sua terapeuta o aconselha a “encontrar uma âncora”. A ideia é se concentrar no entorno, em coisas que ele consegue tocar, ouvir, cheirar. Mas Josh tem dificuldade de ficar quieto e se concentrar nos detalhes à sua volta.

Exceto na cozinha.

Em nenhum outro lugar os sentidos estão tão entrelaçados. Existe apenas o momento presente ao sentir o irresistível aroma do alecrim ou ao ouvir o borbulhar da água fervendo em fogo baixo. A faca deslizando pela polpa de uma pera perfeitamente madura.

Por isso, é uma bênção Josh estar diante de uma tábua de corte, segurando um tomate italiano carnudo que vai temperar a *panzanella*, quando a mensagem de Natalie chega.

Quais são suas opções? Guardar os ingredientes que custaram quase 200 dólares, a tábua de corte e a panela Le Creuset e ir embora com raiva?

Merda, ele está preso nesse apartamento sufocante.

– Está tudo bem? – pergunta Ari.

– Está. – Josh esfrega a testa. *Encontre uma âncora.* – Nat vai se atrasar.

Ari ergue a sobrancelha e assente devagar.

– É exatamente esse tipo de situação que nunca preciso enfrentar. – Ela dá as costas para ele, abre a geladeira e pega uma fôrma de gelo. – Se não estivesse tão preocupado em tornar esse relacionamento monogâmico, você poderia simplesmente dar de ombros e fazer outros planos para esta noite em vez de surtar.

– Não estou surtando – insiste Josh, mesmo sentindo o coração acelerado.

Ari segura as extremidades da fôrma de gelo e a torce com violência até que os cubos se soltem.

– Claro que não – diz com desdém.

Para de falar com ela. Deixa pra lá. Não deixa ela te distrair. Encontre uma âncora.

– Até parece que você entende de relacionamentos. Você é incapaz de formar conexões mais íntimas do que sexo casual com o mínimo de interação possível – acusa Josh, numa sequência ininterrupta de palavras.

– Eu não sou “incapaz” de ter um relacionamento – retruca Ari, despejando o gelo num copo d’água. – Eu sou *sincera* sobre as minhas expectativas. Assim, nem as pessoas me machucam nem eu as decepção. Todo mundo sai ganhando.

– Se o seu objetivo é trepar com pessoas com quem você não se importa, virar pro lado, se vestir e ir embora, meus parabéns, você conseguiu.

– A gente finge que vai ver um filme... Mas que diferença faz se eu me visto dez minutos ou oito horas depois? – Ari inclina a cabeça para trás e toma quatro goles d’água, como se a discussão exigisse que ela se reidratasse. Depois pousa o copo na bancada com um baque. – Hipoteticamente, a gente poderia fazer o sexo mais quente e inconsequente da sua vida e depois...

– *A gente?*

– *Hipoteticamente.* – Ela solta o ar, bufando. – Depois, eu recolheria minha calcinha e sairia no meio da noite sem te acordar.

– Isso se você conseguisse encontrá-la.

Josh vê uma mancha de mostarda no canto da boca de Ari e sente uma pontada de alegria perversa.

– Eu sempre mando uma mensagem de agradecimento no dia seguinte. – Ela faz uma pausa. – A não ser que a pessoa tenha me chupado por três minutos sem o menor entusiasmo e exigido um boquete safado logo depois.

Não é sempre que Josh fica sem palavras. Seu raciocínio se desviou para o comprimento da cueca boxer de Ari. O debate acalorado entre os dois. O fato de Josh ter lhe emprestado o cutelo.

Alguma coisa está acontecendo... um *frisson* de excitação. Em algum momento, entre a extorsão em prol dos lincês e a descrição de um hipotético

sexo sem compromisso, Josh concluiu – a contragosto – que Ari é bonita. Mesmo com seu cabelo rosa desbotado. Ela é detestável e está errada sobre tudo, mas essa é a conversa mais revigorante que Josh teve num passado próximo. Sua vida social não anda muito movimentada.

– Você está perdendo a melhor parte. – Josh larga a faca. – Você nunca teve uma daquelas conversas, quando os dois estão deitados na cama depois da primeira vez que...? – Ele deixa a frase morrer, como se fosse arriscado demais usar certas palavras na frente de Ari. – Quando os dois estão vulneráveis, nervosos e cheios de esperança, porque talvez ainda se lembrem dessa noite anos depois? E a pessoa te conta coisas que você nunca teria como adivinhar? E aí a guarda vai baixando, e você começa a entender quem ela é de verdade?

Ari estreita os olhos para Josh, como se estivesse tentando enxergar uma cor que ainda não existe.

– Você já passou dez minutos em um aplicativo de relacionamento? – Ela tem uma voz marcante, mesmo um pouco rouca, depois de ter passado o dia todo gritando para chamar a atenção de pedestres. – Eu não quero descobrir quem essas pessoas são de verdade.

Josh solta um suspiro que não traz alívio algum. Ele inclina a tábua de corte, fazendo os pedaços de tomate deslizarem lentamente até caírem numa saladeira.

Ari se apoia no canto da bancada de um jeito ao mesmo tempo agressivo e inesperadamente sexy, então pergunta:

– Por acaso você é o único homem na face da Terra que não tem interesse em sexo casual sem consequências?

Josh fica na dúvida se é uma acusação ou um convite.

– Isso não existe – responde ele, por fim. – Você vai embora antes que a outra pessoa tenha a chance de mostrar as consequências.

Ari ergue uma sobrancelha, dá as costas e volta para a sala.

– No mínimo, você está perdendo o sexo matinal – diz Josh, indo atrás dela. – E o sexo às três da manhã, quando os dois ainda estão acordados. E descobrir o que a outra pessoa gosta de comer no café da manhã...

– Está falando do café da manhã constrangedor “pra gente se conhecer

melhor”?

– Se você já me conhecesse antes de a gente transar, o café da manhã não seria constrangedor!

– Ah, dá um tempo. – Ela se coloca na frente do ar-condicionado e deixa o vento frio entrar pela bainha da camisa. – O café da manhã não passa de uma obrigação acompanhada de umas mimosas sem graça.

– Parabéns. Você descobriu como evitar qualquer migalha de intimidade com outro ser humano.

As chalotas e a erva-doce na panela chamam alto demais, indicando que estão prestes a queimar, mas Josh não consegue largar a discussão.

– Garanto que o melhor sexo da sua vida não vai ser com um estranho.

– Tem razão! – exclama Ari, dando um passo na direção dele. – Provavelmente vai ser com alguém que eu odeio.

É a vez de Josh rebater: um insulto ou uma declaração moralista. Mas sua mente só repete a última frase, as palavras pairando perigosamente no ar.

– Talvez não. – Ari dá de ombros. – Sabe quem está bem no topo da lista de melhor sexo da minha vida?

– Quem?

Ele tenta parecer indiferente, mas teme ter deixado sua curiosidade patética transparecer.

Ari nem pisca ao dizer:

– Sua namorada.

O guincho estridente do alarme de incêndio no teto abafa a resposta de Josh.



É COMO SE ELE ESTIVESSE tentando manter o equilíbrio no meio de um terremoto.

Ari pega a vassoura encostada na parede, sobe numa cadeira bamba e cutuca o alarme até que pare de incomodar seus ouvidos.

– *Natalie?* – Josh parece horrorizado e confuso ao mesmo tempo. – E o

seu... o seu namorado?

– Que namorado?

– Você está com a cueca dele.

Josh dá uma olhada na cueca antes de desviar os olhos outra vez.

– Gabe? – indaga Ari, apoiando a vassoura na parede. – Ele é só um amigo.

Josh solta um *pff* cheio de crítica. O celular dele vibra.

– Natalie pegou um táxi – avisa ele após ler a mensagem. – Vai chegar em vinte minutos.

Talvez seja a contagem regressiva que cause o pânico. O instinto de buscar uma saída. Pela primeira vez nesta noite, Ari entende o que vai acontecer se ela ainda estiver no apartamento quando Natalie chegar.

Vai ter que ver os dois se cumprimentarem com um beijo, marcando o início de um jantar romântico (ainda que um pouco queimado). Todo cheio de si, Josh vai ver Natalie perguntar a Ari se ela pode sair do apartamento.

Melhor dar o fora daqui enquanto ainda é uma *escolha*, não uma humilhação.

Ari corre até o quarto e veste uma calça jeans que estava largada no chão. Ela pega fones de ouvido, carregador, uma garrafa d'água e joga tudo em sua bolsa.

– Você vai embora? – pergunta Josh, quando Ari passa correndo por ele.

– Vou. – Ela hesita antes de abrir a porta. – Por quê? Você achou que ia rolar um ménage?

Ele parece desnortado por um instante, mas então seus olhos percorrem o rosto de Ari, fazendo com que ela sinta um formigamento estranho no couro cabeludo. É como se Josh estivesse invadindo seu espaço pessoal só com o olhar.

– *Você* achou que ia rolar um ménage? – rebate ele. – Porque não tem nem dois minutos que você estava descrevendo nosso sexo hipotético.

– E não tem nem quarenta minutos que você estava secando a minha bunda.

– Eu não sequei nada – afirma Josh, com mais indignação do que Ari

gostaria. Ele baixa a cabeça, tornando mais evidente a diferença de altura entre os dois. – Eu sei por que você é assim.

É como se ele conseguisse enxergar tudo: o que ela aprendeu em “Introdução à história das mulheres”, a ansiedade que sente ao ficar ajustando a cueca de Gabe nos quadris, a falsa bravata de alguém que sente a dor de mais uma rejeição em potencial depois de um dia cheio.

– Você não sabe nada sobre mim – insiste Ari, tateando atrás de si em busca da maçaneta.

– Você tem tanto medo de ser rejeitada que usa conceitos ridículos de estudos culturais pra embasar o seu comportamento. – O sotaque dele aparece outra vez. – Isso não te torna fodona nem corajosa. Se você tivesse um pingão de confiança na sua... *conexão*... com Natalie, esperaria ela aparecer e decidir quem é o mais importante.

– Se Natalie quer ser a sua “namorada”, por que me pede pra chupar ela depois de ter saído pra jantar com você? – rebate Ari, deixando que a frustração e a raiva a dominem.

Josh a encara, retorcendo os lábios.

– Se eu tivesse que chutar... – começa ele. Ari tem experiência suficiente com homens impetuosos para saber que ele está formulando uma resposta com o intuito de machucar. – Ela acha conveniente.

Ari está determinada a não demonstrar nenhum vestígio de dor.

– Eu ouço bem quanto ela gosta – diz ela, lentamente, como se cutucasse uma ferida. – Mesmo com as coxas dela tapando meus ouvidos.

O rosto de Josh fica vermelho. Uma veia pulsa em sua testa.

Ari puxa a maçaneta da porta, tentando sair do apartamento antes que ele possa responder. Ela não faz ideia do lugar para onde vai, só sente um desejo incontrolável de fugir daqui. É melhor ser a pessoa que vai embora do que a pessoa que é deixada para trás.

Assim que ela abre a porta, Josh diz:

– Você esqueceu sua calcinha.

– Desculpa, não tô te ouvindo. – Ari coloca o telefone no ouvido. – Eu tô no celular, caramba!

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Você, de novo"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).